

Foi o vigia do meu trabalho que denunciou, não fui eu. Esse rapaz viu quando ele tentou me atropelar, queria me matar mesmo. Eu estava saindo, atravessando a rua para o estacionamento e ele veio com tudo para cima. Nem sei como eu consegui desviar. Foi quase, quase. O vigia me conhecia, ele viu tudo, denunciou, testemunhou. Nisso eu pedi a medida protetiva e saí de casa. Olha que louco isso. Um homem que me ajudou, porque sozinha eu não tive força. Eu fiquei dez anos casada debaixo de violência. Também eles nunca chegam assim de sola, né? É devagar, é sutil. A gente se conheceu, eu tinha 16 anos, estava na escola ainda. Quando a gente namorava, eu acho que eles já dava sinais, mas eu relevava. Ah, de repente ele não está bem hoje, sei lá. Eu fui justificando, sabe? A gente se casou e pouco tempo depois ele conseguiu transferência para a cidade natal dele, onde estava toda a família dele, no interior do Espírito Santo. Uma cidade bem pequenininha, mas a família dele era grande, super conhecida. Eu que não conhecia ninguém. Ficava bem isolada. Com o tempo ele foi ficando realmente violento. Cada semana, cada dia um pouco mais. Cada dia mais duro, mais ríspido. E isso até um certo ponto, eu via dentro da minha casa também, da minha família. Os meus pais não se gostavam, não. Discutiam pra caramba, tinha muito desentendimento. Nunca foi físico, mas era um clima ruim, sabe? E como eles eram muito religiosos, jamais cogitaram se separar. E eu fui criada pra acreditar nisso. Que era assim, que tinha que ficar casada, que na saúde, na doença, na alegria e na tristeza era isso. E aguentando tudo, tudo, tudo. Nem era uma questão de ter medo de não conseguir me sustentar ou de sustentar o meu filho. Eu tinha emprego. Um emprego público. Olhando de fora é difícil entender, às vezes, o que prende a gente nesses relacionamentos. Mas eu não conseguia sair. Não conseguia. Eu fiquei 10 anos sofrendo abuso, sofrendo violência. E física também, diferente dos meus pais. A gente teve um filho. Meu filho era pequeno ainda, quando aconteceu isso dele tentar me matar. E a coisa de tomar coragem, de pedir a medida protetiva, não foi o fim da história. Num certo sentido, começou só uma outra fase. Porque eu saí de casa sem levar o meu filho comigo. Eu não sabia nem pra onde ia, como eu ia levar uma criança? Eu perdi a guarda do meu filho, acredita? Só recuperei a guarda do meu filho muitos anos depois. Eu fiquei anos sem poder vê-lo. Depois vendo-o a cada 15 dias. No fim das contas, quando eu desisti de brigar pela guarda compartilhada, eu acho que foi isso que desarmou o meu ex-marido. Ele ficou querendo sair de herói. Sei lá. A guarda hoje é compartilhada. É complicado. Mas ao mesmo tempo, vale cada segundo. Meu filho hoje fala: "Mulher faz o que quiser, pai". Eu fico orgulhosa. Dá esperança, sabe? Quando eu saí disso, eu senti uma necessidade grande de ajudar outras mulheres. Eu elaborei a minha história, de alguma forma, através da escrita. De terapia também. Mas a escrita, a poesia, me ajudou demais. E com isso eu acabei conhecendo outras mulheres que passaram pelas mesmas coisas e muitas também vêm escrevendo, elaborando essa dor. Sem isso é muito difícil seguir. Ah, hoje? Eu namoro, sim. Eu tenho um namorado. Mas eu sei que meu pavio para certas coisas encurtou muito. Não é comprar briga por qualquer coisa, mas é ficar muito atenta. Deu sinal de que vai cruzar o limite, de que vai desrespeitar, gritar, xingar, o que for. Acabou. Eu não aceito mais viver nada nem perto disso.

BIANCA

Sobrevivientes